

humanitas

Vol. IV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOL. IV (NOVA SÉRIE, VOL. I)



COIMBRA
MCMLII

CONIMBRIGA

E

ALGUNS DOS SEUS PROBLEMAS

Ao regressar a Portugal, depois do estágio de especialização em arqueologia romana que acabara de fazer em Espanha, nenhum tema de investigação me pareceu mais sugestivo, prometedor e necessário do que o problema de Conimbriga.

Na ocasião em que, como bolseiro no País, me competia apresentar um relatório ao Instituto de Alta Cultura, tive oportunidade de justificar a escolha que fizera e expor um plano de trabalho.

Novamente quero abordar o assunto, deste vez com maior desenvolvimento de alguns pontos, por se tratar de uma revista universitária e, o que é mais, ligada a uma Escola que no local possui terrenos e ali efectuou escavações orientadas por um dos membros do seu corpo docente.

Conimbriga oferece-nos uma quantidade encorajadora (passe o aparente paradoxo) de problemas, pois que, sendo todos susceptíveis de resolução, proporcionam aos arqueólogos outros tantos motivos de investigação e trabalho, não só no terreno, mas também no gabinete, na aula e no laboratório.

A inesperada morte do Professor Doutor Vergílio Correia, cujo nome estará sempre ligado ao daquela estação arqueológica, interrompeu brutalmente a marcha regular das escavações.

Talvez porque a morte o surpreendeu, e porque a sua actividade se repartia por muitos campos, não lhe foi possível deixar-nos um trabalho desenvolvido que, por ser minucioso, lhe roubaria muito do pouco tempo de que disporia.

E, possivelmente devido ao desinteresse que, em Portugal e entre os jovens, se nota por estudos desta natureza, não deixou nenhum discípulo de entre os muitos alunos que frequentaram as suas aulas na Faculdade de Letras.

A importância de Conimbriga é excepcional por várias razões: por lá se poderem estudar os vestígios de uma sobreposição de culturas; por ser facilmente escavável e acessível; pela sua riqueza em mosaicos; por certas particularidades urbanísticas; por ser um dos núcleos romanos de maior importância, não só do País, como também da Península; pela sua qualidade de estação viária de uma das principais estradas romanas desta faixa ocidental do Império; por haver referências em fontes literárias a certos períodos da sua história; e, ainda, porque resta uma extensa área por escavar, permitindo efectuar trabalhos com todo o rigor científico e usar as novas técnicas que a constante evolução da ciência arqueológica põe hoje ao nosso dispor.

Mas, apesar de muito se ter escrito sobre esta estação, e da constante afluência de visitantes ao local, Conimbriga é, ainda, praticamente desconhecida, guarda ciosamente muitos segredos e pede solução rápida para um razoável número de problemas, de que procurarei dar apenas um esboço, propondo simultaneamente algumas soluções e hipóteses de trabalho, que ninguém me solicitou, é certo, mas em que talvez não seja inútil falar novamente.

Temos, em primeiro lugar, que fazer notar a falta de trabalhos de vulto, dedicados exclusivamente a esta estação arqueológica. Pode objectar-se, e com razão, que uma monografia seria forçosamente incompleta enquanto houvesse um palmo de terra a escavar.

Mas, quando se trata de uma estação de esta importância, impõe-se a publicação de trabalhos desenvolvidos, e que dêem notícia, não só dos progressos das escavações (campanha por campanha), como também dos objectos recolhidos e depositados em Museus, quer tenham valor artístico, quer tenham apenas interesse arqueológico.

São, pode dizer-se, inúmeras as referências em livros, publicações periódicas e jornais, a determinados aspectos do campo de ruínas, e a certos materiais lá encontrados.

Mas essa dispersão não é compensada por um trabalho desenvolvido que as agrupe, selecione e enquadre.

Merece assinalar-se especialmente, no entanto, o n.º 52-53 do Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais — «Ruínas de Conimbriga», Junho-Setembro de 1948, sobretudo pela documentação gráfica que fornece aos investigadores.

Referência especial deve fazer-se, também, aos folhetos do Doutor Vergílio Correia sobre Conimbriga (de que se fizeram algumas edi-

ções póstumas), e que resumem uma comunicação feita em Roma e um artigo publicado em Espanha (1).

Estou convencido de que, se o Dr. Vergílio Correia fosse vivo, teríamos já bibliografia arqueológica portuguesa enriquecida com um trabalho seu, mais desenvolvido, sobre este monumento nacional.

Este é, pois, um dos problemas que pede atenção e me tem preocupado desde que, com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura, iniciei os estudos sobre Conimbriga.

De então para cá, procurei reunir materiais para uma futura monografia, divulgando-os simultaneamente aos estudiosos e especialistas a quem podem interessar.

Em 1951, ao publicar as marcas de oleiro em «terra sigillata», encontradas em Portugal, dei a conhecer 32 estampilhas procedentes de Conimbriga, de onde se haviam publicado apenas duas (2).

Numa comunicação apresentada ao II Congresso Arqueológico Nacional, celebrado em Madrid em 1951, referi várias peças de «sigillata» e da colecção de lucernas.

Destas últimas voltei a ocupar-me numa breve nota publicada numa revista de Valência (3).

Com a mesma preocupação publiquei, em 1951, no n.º 83-84, vol. XXIV, do «Archivo Español de Arqueología» um estudo monográfico do conhecido Mosaico do Labirinto, encontrado em 1899, «intra-muros» de Conimbriga, nas sondagens levadas a efeito por Mestre António Augusto Gonçalves, e que hoje está numa das salas romanas do Museu Machado de Castro (4).

(1) «As mais recentes escavações de interesse romano em Portugal — Conimbriga», comunicação feita em Roma, em 1940, no Instituto de Estudos Romanos; «Las mas recientes excavaciones romanas de interes en Portugal. La ciudad de Conimbriga», in «Archivo Español de Arqueología», Madrid, Abril-Junho de 1941, pág. 257 e sg..

(2) J. M. Bairrão Oleiro — «Elementos para o estudo da 'terra sigillata' em Portugal. I — Marcas de oleiro encontradas no País» — in «Revista de Guimarães», vol. lxi, 1951.

(3) «Notícia de alguns materiais arqueológicos procedentes de Conimbriga» in «Crónica del II Congreso Arqueológico Nacional», Madrid, 1951, pag. 451; «Quatro peças da colecção de lucernas do Museu Machado de Castro (Coimbra), procedentes de Conimbriga», in «Archivo de Prehistoria Levantina. Homenaje a D. Isidro Ballester», Valencia 1952, pág. 209.

(4) «Materiales arqueológicos de Conimbriga. El Mosaico del Laberinto» in «Archivo Español de Arqueología», n.º 83-84, vol. xxiv, pág. 47 a 52.

Num artigo publicado no jornal «A Guarda» (1) acusei (segundo creio pela primeira vez) a existência de um peso-padrão romano-bizantino (1 libra) encontrado em Conimbriga e pertencente às colecções do mesmo Museu.

Muito recentemente, no «Catálogo de lucernas romanas do Museu Machado de Castro», tive oportunidade de estudar, com algum detalhe, 37 peças das quais só quatro (além das que publicara em Espanha) estavam divulgadas.

Entre as mais recentes contribuições para a história de Conimbriga não posso deixar de referir o estudo do Doutor Joseph Piel, publicado nesta revista (2), e as referências de B. Taracena Aguirre (infelizmente já desaparecido) no seu trabalho sobre «Las fortificaciones y la población de la España romana» (3).

Como modelo do estudo monográfico que, por ora, se poderia fazer sobre Conimbriga, encontro o magnífico trabalho do Coronel Mário Cardozo acerca de «Citânia e Sabroso» (4).

Curioso é que a primeira destas duas últimas estações seja, como Conimbriga, urna das mais conhecidas, tanto no País como no estrangeiro, e das mais visitadas.

Outra opinião que sempre tenho defendido (quando e onde posso) é a da criação de um Museu Monográfico a instalar em edificio especial (obedecendo a certas características interna e externamente) junto das ruínas, à semelhança do que sucede noutras estações arqueológicas, como Pompeia, Volubilis e Ampurias, para só citar estes exemplos.

Noutro local já tive oportunidade de referir-me ao assunto nestes termos: «Outro problema que devia encarar-se a sério é o da construção, logo que as circunstâncias o permitam, de um Museu Monográfico junto às ruínas.

Nele seriam depositados todos os objectos ali encontrados e que não possam ficar no local exacto em que se verifique a descoberta (cêrâmica, metais, vidros, escultura, etc). Para modelo podia tomar-se o Museu Monográfico de Ampurias (Espanha), onde trabalhei alguns

(1) «Acerca de um peso-padrão romano-bizantino encontrado na Póvoa do Mileu» in «A Guarda», 6 de Junho de 1952.

(2) «Uma inscrição romana de Conimbriga» «Humanitas», vol. i, 1947.

(3) in «Crónica del IV Congreso Arqueológico del Sudeste Español», Elche, 1948, pág. 241 e seg..

(4) Mário Cardozo — «Citânia e Sabroso. Notícia descritiva para servir de guia ao visitante», Guimarães, 1948, 3.^a edição.

dias em Setembro de 1949. Compreende uma residência para o director da escavação e auxiliares, câmara-escura, laboratório de restauro, estúdio-biblioteca, salas de exposição e armazéns de material recolhido na estação que, por qualquer circunstância, não pode ser exposto, mas oferece interesse aos investigadores que aí o podem consultar».

A este edifício deveria estar ligada uma casa para o guarda permanente da estação arqueológica.

A imprensa diária várias vezes tem insistido neste ponto, mas não apoio a sugestão de que se reconstitua algum dos compartimentos já postos a descoberto, afim de o utilizar como museu.

Outra questão que merece estudo é a da recolha de elementos acerca da camada pré-romana da cidade, sobre a qual não subsistem dúvidas e que deve remontar ao período neolítico, pelo menos (1).

Em 1916, o Doutor Vergilio Correia publicou um artigo relatando a exploração que fizera em 1912, por incumbência do Museu Etnológico, e cujos resultados foram sumamente curiosos (2).

Aos elementos recolhidos nessa altura (e que se encontram no Museu Etnológico) há a juntar os que estão no Museu Machado de Castro (com a indicação de terem sido achados na área de Conimbriga) e os da colecção do arqueólogo Dr. António Mesquita de Figueiredo (3).

Estou convencido de que o estudo da camada pré-romana de Conimbriga, uma vez aprofundado e feito em extensão, trará elementos curiosíssimos e de sumo interesse científico. A proximidade da estação pré-histórica da Eira Pedrinha é sugestiva, e quem sabe o que a exploração das grutas existentes nas margens do «Rio dos Mouros» nos poderá reservar.

Outro problema que requer estudo, é o dos mosaicos em que Conimbriga é particularmente rica.

A primeira tarefa que se impunha era a sua consolidação no próprio local, que de resto e em muito boa hora, foi já começada pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

(1) «Conimbriga. Notícia do oppidum e das escavações nele realizadas», Coimbra, 1935.

(2) «Conimbriga. A camada pré-romana da cidade (Notas de uma exploração de dez dias em Condeixa-a-Velha)» in «O Archeologo Português», xxi, pág. 252 e seg..

(3) António Mesquita de Figueiredo — «A Caverna dos Alqueves. Aros de Coimbra», pág. 13, nota 1.

Em 1951 foi levantado e consolidado um dos mosaicos do palácio extra-muros, e neste momento trabalha-se num outro.

Aqui sugerimos, no entanto, a conveniência de aproveitar a oportunidade oferecida pelo levantamento dos mosaicos para se efectuarem sondagens nas camadas subjacentes do terreno, que poderão, talvez, fornecer curiosas indicações.

Em certas estações têm-se encontrado, não só objectos miúdos que podem ajudar a fixar a data do mosaico, mas até pavimentos anteriores que foram substituídos, por imperativos do gosto dominante, ou pelo seu mau estado de conservação.

Em Kouklia (Chipre) sob um mosaico romano encontraram-se três estratos arqueológicos de épocas diferentes; e em Cartago acharam-se vários planos de mosaicos sobrepostos (1).

Só depois de concluído o trabalho de consolidação dos mosaicos, que permitirá que fiquem a descoberto, se poderá fazer um estudo definitivo, comparando-os entre si e relacionando-os com os elementos que as sondagens poderão, talvez, vir a fornecer.

A própria técnica de arranque e consolidação devia ser estudada e observada pelos universitários que se interessem e pensem vir a dedicar-se a estudos de arqueologia.

De resto o assunto é sumamente interessante como tive ocasião de verificar pessoalmente ao estudá-lo com os restauradores de mosaicos da Dirección General de Bellas Artes, de Espanha.

Necessidade há, igualmente, de estudar o traçado da via romana que servia Conimbriga e de que se conhecem nítidos vestígios, procurando segui-lo, quer para o Norte (em direcção a Aeminium), quer para o Sul, em direcção a «Sellium».

Esse trabalho poderá ajudar a solucionar o problema da localização desta última estação viária que o «Itinerário» menciona na estrada romana de Olisipo a Bracara antes de Conimbriga e que tem sido identificada com Tomar.

Relacionado com este estudo está o da localização da necrópole (ou necrópoles) que, naturalmente e como era uso, estaria situada ao longo da via.

(1) T. B. Mitford — «Excavating the ancient capital of Cyprus: Through the four thousand years of the civilisations of old Paphos» in «The Illustrated London News», 10 de Maio de 1952, pág. 802; P. Gauckler in «Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines» de Daremberg et Saglio, s.v. «Musivum Opus».

Já António Augusto Gonçalves se referiu à descoberta de sepulturas romanas num campo a mais de 500 metros para nascente da «Almedina», ou seja na direcção que, muito possivelmente, tomaria a via romana (1).

Não deixa de ser curioso notar o recente achado de sepulturas junto à estrada nacional 342 e sensivelmente à mesma distância, quando os cantoneiros da Direcção de Estradas do Distrito de Coimbra procediam à plantação de uma sebe.

Deveria também procurar estudar-se o traçado do aqueduto desde Alcabideque até Conimbriga, de forma a poder defendê-lo classificando-o como imóvel de interesse público.

São raras as construções deste tipo em Portugal, e embora este não seja dos exemplos mais belos (como os de Mérida, Segóvia ou Tarragona) a sua construção é muito curiosa e cuidada.

Entre os problemas que têm preocupado os arqueólogos e historiadores, está o da data de construção das muralhas que rodeiam e defendiam Conimbriga, e acerca da qual foram postas várias hipóteses.

A maioria dos estudiosos data-as do século v; Taracena, no seu curiosíssimo estudo já referido, considera-as como obras do século III-IV, e o Padre Pierre David julga-as da segunda metade do século vi (2).

É esta a hipótese que nos parece mais aceitável, embora só aplicável a parte dos lanços, pois outros há que parecem anteriores.

O problema é curioso e importante, não só em si, como também pelas indicações que poderá vir a fornecer sobre a densidade da população citadina em várias épocas da sua história.

No entanto só poderá ser resolvido no dia em que forem detidamente estudados os tipos de construção nos tramos ainda não reconstruídos, e efectuadas sondagens estratigráficas junto à base das muralhas, incluindo as da primeira cintura sobranceira ao valeiro de Nascente (que facilitaria a defesa), onde há restos de uma construção não registada nas plantas que do «oppidum» conhecemos.

A traços largos e sem preocupações de esgotar o assunto, registaram-se alguns dos problemas que Conimbriga oferece aos arqueólogos. E agora aproveitarei esta oportunidade para dizer alguma

(1) A. Gonçalves — «Sepulturas romanas de Condeixa-a-Velha», in «Portugalia», II, pág. 286.

(2) «Études historiques sur la Galice et le Portugal du vi au xn Siècle», Coimbra 1947, pág. 76.

corsa sobre a forma como penso que eles se poderiam ir resolvendo, apenas com o intuito de bem servir a arqueologia portuguesa, uma vez que se trata de um caso que a todos os arqueólogos interessa.

Em primeiro lugar, parece-me que seria da maior utilidade e urgência a expropriação do terreno compreendido dentro do perímetro das muralhas, ainda na posse de particulares.

Mais tarde se expropriariam alguns dos terrenos que circundam o campo de ruínas e onde se verificam descobertas casuais, ou há restos de construções.

Em Condeixa-a-Velha há um verdadeiro mercado negro de «realochos» (moedas) e de outros objectos miúdos, encontrados pelos cultivadores nesses terrenos, e é frequente verem-se crianças a vender aos visitantes moedas, contas de vidro, etc..

Isso será muito mais fácil de evitar, desde que os terrenos pertençam ao Estado e não sejam cultivados.

Conviria igualmente que as autoridades municipais de Condeixa-a-Nova proibissem ou impedissem a mendicidade constante e descarada, no parque de estacionamento de viaturas junto às ruínas, que quase todos os visitantes podem testemunhar e a que a imprensa se tem referido.

Feita a expropriação dos terrenos, devia iniciar-se, sob a direcção de um especialista auxiliado por vários ajudantes, a escavação metódica e sistemática da vasta estação arqueológica.

Solicitar-se-ia, em primeiro lugar, à Aeronáutica Militar, e de acordo com o director de escavação quanto a locais e processos, a execução de uma série de fotografias aéreas imprescindíveis na preparação do plano de trabalhos.

De acordo com elas, far-se-iam prospecções, utilizando os mais recentes processos técnicos, e com os elementos colhidos nessas operações preliminares, iniciar-se-ia a escavação propriamente dita.

Empregando reduzido número de trabalhadores rurais (para facilitar a vigilância) em operações secundárias como, por exemplo, o desmonte e transporte de terras, poderiam admitir-se voluntários entre os alunos universitários de Coimbra, tanto mais que as campanhas de escavação são geralmente feitas no período de férias.

Este sistema tem sido usado, com magníficos resultados, nalguns países que chegam até a admitir voluntários entre os alunos dos cursos secundários.

E a ajuda que poderiam prestar em tarefas mais delicadas seria enorme: levantamento de planos, desenhos, medições, lavagem e sepa-

ração de materiais, primeiros restauros, crivagens de terras, redacção dos diários, fotografias, etc..

Na minha opinião (que talvez seja a de muitos outros) as primeiras sondagens que se fizerem em Conimbriga, depois de expropriados os terrenos dentro do perímetro das muralhas, deviam iniciar-se no extremo Oeste, ou seja na ponta do «ferro de engomar» delimitado pelos muros.

Para quem conheça bem a topografia do «oppidum», a ideia não parecerá descabida. Além de ser a faixa mais estreita do plano, debruçada quase a pique sobre a união dos dois cursos de água que o ladeiam, ela era a que melhores condições naturais de defesa ofereceria.

Natural é, portanto, que o primitivo núcleo populacional aí se tivesse fixado, e que no sub-solo se encontrem vestígios dos primeiros habitantes.

A tabela que acompanha o material pré-histórico que o Museu Machado de Castro possui, di-lo apenas encontrado na área de Conimbriga sem indicar o sítio exacto.

Mas a exploração do Dr. Vergilio Correia em 1912, foi feita junto à muralha, «num ponto sobranceiro à fonte e às últimas casas da povoação», ou seja mais perto da zona a que me referi acima, do que daquela que hoje se encontra escavada.

" Paralelamente a essa actividade de exploração, devia continuar-se a consolidação e defesa do que já está à vista, parte mínima em relação à extensão total da estação arqueológica.

Tratar de restauros e consolidações levar-me-ia muito longe. Recordarei apenas uma opinião citada por Deonna: «En fait des monuments anciens, il vaut mieux consolider que réparer, mieux réparer que restaurer, mieux restaurer qu'embellir; en aucun cas, il ne faut ajouter ni retrancher» (1).

No que está feito em Conimbriga pode haver um ou outro ponto em que nem todos estejam de acordo.

Mas numa obra de tal natureza tem de olhar-se primeiro ao conjunto e depois ao pormenor.

A arqueologia e as técnicas arqueológicas e de escavações têm progredido extraordinariamente nos últimos anos.

Muito do que ontem se fazia já hoje se não faz, e muito do que hoje se faz, ontem ainda se não fazia.

(1) W. Deonna — «L'Archéologie. Sa valeur, ses méthodes», Paris, 1912 pág. 29.

Mas, como dizia no princípio destas notas, uma das vantagens que Conimbriga oferece aos arqueólogos, é a de ter ainda por escavar uma extensa área, o que permitirá usar os novos processos, tirando maior proveito de tudo e conseguindo, assim, maior colheita de dados científicos.

O terreno poderá ser escavado por camadas e por pequenas zonas (segundo os processos que mais convenham a cada local ou tipo de edifício), com crivagem meticulosa, estrato por estrato, organizando minucioso diário de escavações que registe todos os pormenores e do qual se devam publicar, periodicamente, resumos.

Trabalho lento, talvez para várias gerações, mas seguro e frutífero, garantindo à ciência e aos investigadores o maior número possível de elementos.

Apenas a 15 quilómetros de Coimbra, onde há uma Universidade com tradições no campo da arqueologia, Conimbriga poderia ser uma magnífica escola prática de arqueólogos, como, por exemplo, Ampurias o é para os universitários de Barcelona e para os que frequentam os cursos que todos os anos ali se realizam.

O nome de Conimbriga é bem conhecido aquém e além fronteiras, não só dos turistas, mas principalmente dos arqueólogos que esperam interessados a continuação dos trabalhos.

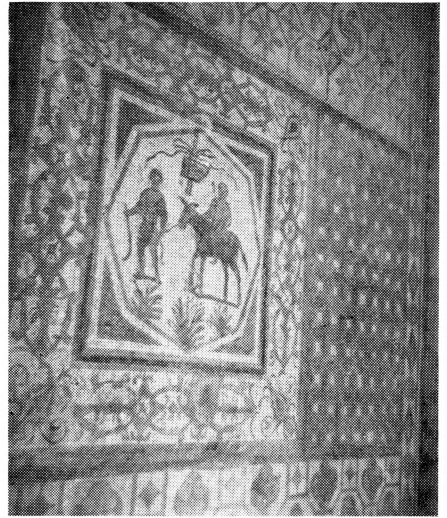
O País tem uma tradição arqueológica que deve alimentar, despertando o interesse das gerações novas.

E nada conheço melhor, por própria experiência, do que oferecer-lhes uma oportunidade de assistir e colaborar em trabalhos de campo, de museu e de laboratório, aprendendo a conhecer, a manejar, a respeitar e a interpretar os materiais de que é feita a História desde os alicerces.

Coimbra, Dezembro de 1952.

J. M. BAIRRÃO OLEIRO

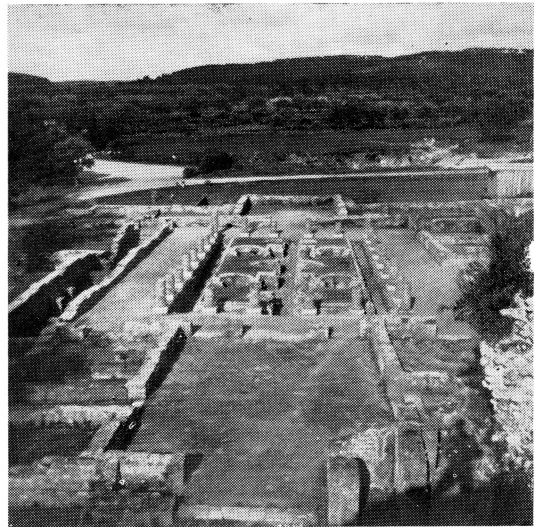
Vogal da Junta Nacional de Educação
(Antiguidades, escavações e numismática)



II — Pormenores do mosaico do grande edifício extra-muros, consolidado em 1951.



III — Aspecto exterior da porta principal do circuito de muralhas («Porta de Tomar»), vendo-se o lageado



IV — O grande edifício extra-muros posto a descoberto em 1939, em consequência da abertura do ramal para as ruínas. Fotografia feita do alto das muralhas, nosendo Oeste-Leste, vendo-se, atrás do peristilo, o «oecus».



V — Peristilo do edifício «cintra-muros», adjacente ao balneário. A depressão no muro corresponde à «Porta de Tomar». À esquerda, no último plano, os ciprêstes que ladeiam a igreja de Condeixa-a-Velha.



VI — Aspecto de um compartimento extra-muros (mas encostado à muralha), sobre o «hypocaustis», vendo-se as telhas curvas onde circulava o ar quente, sob o pavimento.



VII — Aspecto parcial das muralhas viradas para o lado do «Rio dos Mouros», com contrafortes colocados a intervalos regulares.



VIII — Pormenor da base da muralha do mesmo lado, para mostrar um dos tubos de drenagem das águas vindas dos terrenos do lado interno. O mesmo sistema foi usado no aqueduto que, de Alcabideque, trazia a água para Conimbrigã.